

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XVIII – Muitos os chamados poucos os escolhidos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVIII)

Índice

Capítulo XVIII – Muitos os chamados, poucos os escolhidos	03
Parábola do Festim das Bodas	03
O Evangelho Segundo o Espiritismo	05
Versão Prática	09
A porta estreita	10
A porta estreita	11
Porta estreita	13
Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! Entrarão no Reino dos Céus	14
Só as obras definem o verdadeiro Cristão	15
Não basta dizer: Senhor... Senhor...	18
Muito se pedirá àquele que muito recebeu	20
Evolução e responsabilidade Espírita	22
Muito se pedirá àquele que muito recebeu	25
Instruções dos Espíritos. Dar-se-á àquele que tem	27
Aquele que tem, mais será dado: entendendo os fracassos reencarnatórios	28
Semeaduras e colheitas	31
Pela sua obra é que se reconhece o cristão	34
Salvação segundo a Doutrina Espírita	35
Para se obter auxílio	36

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec
Capítulo XVIII – Muitos os chamados, poucos os escolhidos

1. Parábola do Festim das Bodas

1. Falando ainda por parábolas, disse-lhes Jesus: “O Reino dos Céus se assemelha a um rei que, querendo festejar as bodas de seu filho, despachou seus servos a chamar para as bodas os que tinham sido convidados; estes, porém, recusaram-se a ir. O rei despachou outros servos com ordem de dizer da sua parte aos convidados: ‘Preparei o meu jantar; mandei matar os meus bois e todos os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas.’ — Eles, porém, sem se incomodarem com isso, lá se foram, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. Os outros pegaram dos servos e os mataram, depois de lhes haverem feito muitos ultrajes. Sabendo disso, o rei se tomou de cólera e, mandando contra eles seus exércitos, exterminou os assassinos e lhes queimou a cidade.

Então, disse a seus servos: ‘O festim das bodas está inteiramente preparado; mas os que para ele foram chamados não eram dignos dele. Ide, pois, às encruzilhadas e chamaí para as bodas todos quantos encontrardes.’ — Os servos então saíram pelas ruas e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus; a sala das bodas se encheu de pessoas que se puseram à mesa.

Entrou, em seguida, o rei para ver os que estavam à mesa, e, dando com um homem que não vestia a túnica nupcial disse-lhe: ‘Meu amigo, como entraste aqui sem a túnica nupcial?’ O homem guardou silêncio. Então, disse o rei à sua gente:

‘Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes, porquanto, muitos há chamados, mas poucos escolhidos.’”

(Mateus, 22:1 a 14.)

2. O incrédulo sorri a esta parábola, que lhe parece de pueril ingenuidade, por não compreender que se possa opor tanta dificuldade para assistir a um festim e, ainda menos, que convidados levem a resistência a ponto de massacrar os enviados do dono da casa. “As parábolas”, diz ele, o incrédulo, “são, sem dúvida, imagens; mas, ainda assim, mister se torna que não ultrapassem os limites do verossímil.”

Outro tanto pode ser dito de todas as alegorias, das mais engenhosas fábulas, se não lhes forem tirados os respectivos envoltórios, para ser achado o sentido oculto. Jesus compunha as suas com os hábitos mais vulgares da vida e as adaptava aos costumes e ao caráter do povo a quem falava. A maioria delas tinha por objeto fazer penetrar nas massas populares a ideia da vida espiritual, parecendo muitas ininteligíveis, quanto ao sentido, apenas por não se colocarem neste ponto de vista os que as interpretam.

Na de que tratamos, Jesus compara o Reino dos Céus, onde tudo é alegria e ventura, a um festim. Falando dos primeiros convidados, alude aos hebreus, que foram os primeiros chamados por Deus ao conhecimento da sua Lei. Os enviados do rei são os profetas que os vinham exortar a seguir a trilha da verdadeira felicidade; suas palavras, porém, quase não eram escutadas; suas advertências eram desprezadas; muitos foram mesmo, massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que se escusam, pretextando terem de ir cuidar de seus campos e de seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, se conservam indiferentes às coisas celestes.

Era crença comum aos judeus de então que a nação deles tinha de alcançar supremacia sobre todas as outras. Deus, com efeito, não prometera a Abraão que a sua posteridade cobriria toda a Terra? Como sempre, porém, atendo-se à forma, sem atentarem ao fundo, eles acreditavam tratar-se de uma dominação efetiva e material.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens superiores ao vulgo conceberam a ideia da unidade de Deus, essa ideia permaneceu no estado de sistema pessoal, em parte nenhuma foi aceita como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que ocultavam seus conhecimentos sob um véu de mistério, impenetrável para as massas populares. Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite a sua lei, primeiramente por via de Moisés, depois por intermédio de Jesus. Foi daquele pequenino foco que partiu a luz destinada a espargir-se pelo mundo inteiro, a triunfar do paganismo e a dar a Abraão uma posteridade espiritual “tão numerosa quanto as estrelas do firmamento”.

Entretanto, abandonando de todo a idolatria, os judeus desprezaram a lei moral, para se aferrarem ao mais fácil: à prática do culto exterior. O mal chegara ao cúmulo; a nação, além de escravizada, era esfacelada pelas facções e dividida pelas seitas; a incredulidade atingira mesmo o santuário.

Foi então que apareceu Jesus, enviado para os chamar à observância da Lei e para lhes rasgar os horizontes novos da vida futura. Dos primeiros, a ser convidados para o grande banquete da fé universal, eles repeliram a palavra do Messias celeste e o imolaram. Perderam assim o fruto que teriam colhido da iniciativa que lhes coubera.

Fora, contudo, injusto acusar-se o povo inteiro de tal estado de coisas.

A responsabilidade tocava principalmente aos fariseus e saduceus, que sacrificaram a nação por efeito do orgulho e do fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. São, pois, eles, sobretudo, que Jesus identifica nos convidados que recusam comparecer ao festim das bodas. Depois, acrescenta:

“Vendo isso, o Senhor mandou convidar a todos os que fossem encontrados nas encruzilhadas, bons e maus.” Queria dizer desse modo que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e estes, acolhendo-a, seriam admitidos ao festim, em lugar dos primeiros convidados.

No entanto, não basta a ninguém ser convidado; não basta dizer-se cristão, nem sentar-se à mesa para tomar parte no banquete celestial. É preciso, antes de tudo e sob condição expressa, estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter puro o coração e cumprir a lei segundo o espírito. Ora, a lei toda se contém nestas palavras: Fora da caridade não há salvação.

Entre todos, porém, que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e a aplicam proveitosamente! Quão poucos se tornam dignos de entrar no Reino dos Céus! Eis por que disse Jesus: “Chamados haverá muitos; poucos, no entanto, serão os escolhidos.”

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano I. Parábola do Festim das Bodas

Nº 318 – 30/06/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

250. Quer a fortuna nos tenha vindo de nossa família, quer a tenhamos ganho com o nosso trabalho, há uma coisa que não devemos esquecer nunca: é que tudo promana de Deus, tudo retorna a Deus. Nada nos pertence na Terra, nem sequer o nosso pobre corpo: a morte nos despojará dele, como de todos os bens materiais. Somos depositários e não proprietários, não nos iludamos. Deus no-los emprestou, teremos de lhos restituir; e ele empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, caiba aos que carecem do necessário.

(Cap. XVI, item 14, Lacordaire)

251. Aí temos o que a doutrina nos ensina acerca do desprendimento dos bens terrenos. Resumirei assim o ensinamento – diz Lacordaire: “Sabei contentar-vos com pouco. Se sois pobres, não invejeis os ricos, porquanto a riqueza não é necessária à felicidade. Se sois ricos, não esqueçais que os bens de que dispondes apenas vos estão confiados e que tendes de justificar o emprego que lhes derdes, como se prestásseis contas de uma tutela”.

(Cap. XVI, item 14, Lacordaire)

252. O homem pode perfeitamente transmitir, por sua morte, aquilo de que gozou durante a vida, porque o efeito desse direito está subordinado sempre à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir que seus descendentes gozem do que lhes foi transmitido. Eis por que desmoronam fortunas que pareciam solidamente constituídas.

(Cap. XVI, item 15, São Luís)

253. “Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam. Porque, se somente amardes os que vos amam, que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? Se unicamente saudardes os vossos irmãos, que fazeis com isso mais do que os outros? Não fazem o mesmo os pagãos? Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.”

(Mateus, cap. V, vv. 44 a 48.)

Essas palavras: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial” devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o disse:

“Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem”. A essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

(Cap. XVII, itens 1 e 2)

254. O Espiritismo não instituiu nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da moral cristã, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam. O verdadeiro espírita e o cristão verdadeiro são uma única e mesma coisa.

(Cap. XVII, item 4)

255. A parábola do semeador foi contada e explicada por Jesus:

“Quem quer que escuta a palavra do reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração. Esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho. Aquele que recebe a semente em meio das pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. Mas, não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Em sobrevindo reveses e perseguições por causa da palavra, tira ele daí motivo de escândalo e de queda. Aquele que recebe a semente entre espinheiros é o que ouve a palavra; mas, em quem, logo, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta, ou trinta por um”.
(Mateus, cap. XIII, vv. 18 a 23.) (Cap. XVII, item 5)

256. O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma e para com os outros. O dever é a lei da vida. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O aguilhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão.
(Cap. XVII, item 7, Lázaro)

257. O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo. É a um tempo juiz e escravo em causa própria.
(Cap. XVII, item 7, Lázaro)

258. O dever é o mais belo laurel da razão; descende desta como de sua mãe descende o filho. O homem tem de amar o dever, não porque preserve de males a vida, males aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento. O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade, porque jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus.
(Cap. XVII, item 7, Lázaro)

259. A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e atenuam. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia; e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se.
(Cap. XVII, item 8, François-Nicolas-Madeleine)

260. É à virtude assim compreendida e praticada que os benfeitores espirituais nos convidam. A essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita é que eles nos concitam a consagrar-nos. Afastemos de nossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre desadornam as mais belas qualidades. Não imitemos o homem que se apresenta como modelo e trombetaia, ele próprio, suas qualidades a todos os ouvidos complacentes.
(Cap. XVII, item 8, François-Nicolas-Madeleine)

Questões Propostas

A. A perfeição moral consiste na maceração de nosso corpo?

R. Não. A perfeição moral não consiste em macerar o corpo; está toda nas reformas por que fizermos passar o nosso Espírito. Dobrá-lo, submetê-lo, humilhá-lo, mortificá-lo, eis o meio de tornarmos nosso Espírito mais dócil à vontade de Deus e o único que nos poderá levar à perfeição.
(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 11.)

B. Qual é o significado da parábola do festim de núpcias?

R. Nessa parábola Jesus compara o reino dos céus, onde tudo é alegria e ventura, a um festim. Falando dos primeiros convidados, alude aos hebreus, que foram os primeiros chamados por Deus ao conhecimento da sua Lei. Os enviados do rei são os profetas que os vinham exortar a

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

seguir a trilha da verdadeira felicidade; suas palavras, porém, quase não eram escutadas; suas advertências eram desprezadas; muitos foram mesmo, massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que se escusam, pretextando terem de ir cuidar de seus campos e de seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, se conservam indiferentes às coisas celestes.

Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite sua lei, primeiramente por via de Moisés, depois por intermédio de Jesus. Foi daquele pequenino foco que partiu a luz destinada a espargir-se pelo mundo inteiro, a triunfar do paganismo e a dar a Abraão uma posteridade espiritual tão numerosa quanto as estrelas do firmamento. Entretanto, abandonando de todo a idolatria, os judeus desprezaram a lei moral, para se aferrarem ao mais fácil: a prática do culto exterior. O mal chegara ao cúmulo; a nação, além de escravizada, era esfacelada pelas facções e dividida pelas seitas; a incredulidade atingira mesmo o santuário.

Foi então que apareceu Jesus, enviado para os chamar à observância da Lei e para lhes rasgar os horizontes novos da vida futura. Dos primeiros, a ser, convidados para o grande banquete da fé universal, eles repeliram a palavra do Messias celeste e o imolaram. Perderam assim o fruto que teriam colhido da iniciativa que lhes coubera. Fora, contudo, injusto acusar-se o povo inteiro de tal estado de coisas. A responsabilidade tocava principalmente aos fariseus e saduceus, que sacrificaram a nação por efeito do orgulho e do fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. São, pois, eles, sobretudo, que Jesus identifica nos convidados que recusam comparecer ao festim das bodas. Depois, acrescenta:

“Vendo isso, o Senhor mandou convidar a todos os que fossem encontrados nas encruzilhadas, bons e maus”. Queria dizer desse modo que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e estes, acolhendo-a, seriam admitidos ao festim, em lugar dos primeiros convidados. Mas não basta a ninguém ser convidado; não basta dizer-se cristão, nem sentar-se à mesa para tomar parte no banquete celestial. É preciso, antes de tudo e sob condição expressa, estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter puro o coração e cumprir a lei segundo o espírito. Ora, a lei toda se contém nestas palavras: Fora da caridade não há salvação. Entre todos, porém, que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e a aplicam proveitosamente! Quão poucos se tornam dignos de entrar no reino dos céus! Eis por que disse Jesus: Chamados haverá muitos; poucos, no entanto, serão os escolhidos.

(Obra citada, cap. XVIII, itens 1 e 2.)

C. Podemos considerar discípulos de Jesus as pessoas que passam os dias em prece, mas não são com isso nem melhores, nem mais caridosos, nem mais tolerantes?

R. Não, porquanto, do mesmo modo que os fariseus, tais pessoas têm a prece nos lábios e não no coração. Pela forma poderão impor-se aos homens; não, porém, a Deus. Em vão dirão eles a Jesus: “Senhor! não profetizamos, isto é, não ensinamos em teu nome; não expulsamos em teu nome os demônios; não comemos e bebemos contigo?” Ele lhes responderá: “Não sei quem sois; afastai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis com os atos o que dizeis com os lábios, que caluniais o vosso próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério. Afastai-vos de mim, vós cujo coração destila ódio e fel, que derramais o sangue dos vossos irmãos em meu nome, que fazeis corram lágrimas, em vez de secá-las. Para vós, haverá prantos e ranger de dentes, porquanto o reino de Deus é para os que são brandos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas palavras e das vossas, genuflexões. O caminho único que vos está aberto, para achardes graça perante ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade”.

(Obra citada, cap. XVIII, itens 6, 7 e 9.)

D. Qual o significado do ensinamento: “Muito se pedirá a quem muito foi dado”?

R. Essas palavras indicam que aquele que muito sabe tem maior responsabilidade, comparado aos que nada ou pouco sabem. Nesse sentido, quem quer que conheça os preceitos do Cristo e

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

não os pratica torna-se, certamente, culpado, porque nada poderá alegar em seu favor no tribunal da própria consciência. Aos espíritas, pois, muito será pedido, porque muito não receberam; mas, em compensação, aos que houverem aproveitado, muito será dado.
(Obra citada, cap. XVIII, itens 10 a 12.)

Elucidações de Emmanuel

Nº 201 – 20/03/2011

O Consolador

I. Parábola do Festim das Bodas

Versão Prática

Reconhecendo, embora, a alusão de Jesus aos povos de seu tempo, quando traçou a parábola do festim das bodas, recordemos o caráter funcional do Evangelho e busquemos a versão prática da lição para os nossos dias.

Compreendendo-se que todos os recursos da vida são pertences de Deus, anotaremos o divino convite à lavoura do bem, em cada lance de nossa marcha.

Os apelos do Céu, em forma de concessões, para que os homens se ergam à Lei do Amor, voam na Terra em todas as latitudes. Todavia, raros registram-lhes a presença.

Há quem recebe o dote da cultura, bandeando-se para as fileiras da vaidade; quem recolhe a mordomia do ouro, descendo para os antros da usura; quem senhoreia o tesouro da fé preferindo ajustar-se ao comodismo da dúvida malfazeja; quem exhibe o talento da autoridade, isolando-se na fortificação da injustiça; quem dispõe da riqueza das horas, mantendo-se no desvão da ociosidade, e quem frui o dom de ajudar, imobilizando-se no palanque da crítica.

Quase todos os detentores dos privilégios sublimes lhes conspurcam a pureza.

Contudo, quando mais se acreditam indenes de responsabilidade e trabalho, eis que surge o sofrimento por mensageiro mais justo, convocando bons e menos bons, felizes e infelizes, credores e devedores, vítimas e verdugos ao serviço da perfeição, e, sacudidos nos refolhos do próprio ser, os pobres retardatários anseiam libertar-se do egoísmo e da sombra, consagrando-se, enfim, à obra do bem de todos, em cuja exaltação é possível reter a celeste alegria.

Entretanto, ainda aí, repontam, desditosos, Espíritos rebeldes, agressivos e ingratos.

Para eles, porém, a vida, nessa fase, reserva tão-somente a cessação do ensejo de avanço e reajuste, porquanto, jugulados pela própria loucura, são forçados, na treva, a esperar que o futuro lhes oferte ao caminho o tempo expiatório em cárceres de dor.

Desse modo, se a luta vos concita a servir para o Reino de Deus, com a aflição presidindo os vossos novos passos, tende na paciência a companheira firme, a fim de que a humildade, por excelsa coroa, vos guarde o coração na beleza e na alvura da caridade em Cristo, que vos fará vestir a túnica da paz no banquete da luz.

Emmanuel, Religião dos Espíritos, (psicografia Chico Xavier), (cap. 29.)

2. A porta estreita

3. Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta da perdição e espaçoso o caminho que a ela conduz, e muitos são os que por ela entram. Quão pequena é a porta da vida! Quão apertado o caminho que a ela conduz! E quão poucos a encontram!

(Mateus, 7:13 e 14.)

4. Tendo-lhe alguém feito esta pergunta: “Senhor, serão poucos os que se salvam?”

— Respondeu-lhes Ele: “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois vos asseguro que muitos procurarão transpô-la e não o poderão.”

— E quando o pai de família houver entrado e fechado a porta, e vós, de fora, começardes a bater, dizendo: “Senhor, abre-nos.”

— Ele vos responderá: “Não sei donde sois.”

— Pôr-vos eis a dizer: “Comemos e bebemos na tua presença e nos instruíste nas nossas praças públicas.” — Ele vos responderá: “Não sei donde sois; afastai-vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade.”

Então, haverá prantos e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas estão no Reino de Deus e que vós outros sois dele expelidos.

Virão muitos do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio-Dia, que participarão do festim no Reino de Deus. Então, os que forem últimos serão os primeiros e os que forem primeiros serão os últimos.

(Lucas, 13:23 a 30.)

5. Larga é a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más e porque o maior número envereda pelo caminho do mal. É estreita a da salvação, porque a, grandes esforços sobre si mesmo é obrigado o homem que a queira transpor, para vencer suas más tendências, coisa a que poucos se resignam. É o complemento da máxima: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.”

Tal o estado da humanidade terrena, porque, sendo a Terra mundo de expiação, nela predomina o mal. Quando se achar transformada, a estrada do bem será a mais frequentada. Aquelas palavras devem, pois, entender-se em sentido relativo, e não em sentido absoluto. Se houvesse de ser esse o estado normal da Humanidade, teria Deus condenado à perdição a imensa maioria das suas criaturas, suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo, justiça e bondade.

Todavia, de que delitos esta Humanidade se houvera feito culpada para merecer tão triste sorte, no presente e no futuro, se toda ela se achasse degredada na Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves postos diante de seus passos? Por que essa porta tão estreita que só a muito poucos é dado transpor, se a sorte da alma é determinada para sempre, logo após a morte? Assim é que, com a unicidade da existência, o homem está sempre em contradição consigo mesmo e com a Justiça de Deus. Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; faz-se luz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro tornam-se solidários com o passado, e só então se pode compreender toda a profundidade, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

Crônicas e Artigos

Nº 254 – 01/04/2012

O Consolador – (Francisco Rebouças)

II. A porta estreita

A porta estreita

Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta da perdição e espaçoso o caminho que a ela conduz, e muitos são os que por ela entram. – Quão pequena é a porta da vida! Quão apertado o caminho que a ela conduz! E quão poucos a encontram!
(São Mateus, cap. VII, vv. 13 e 14.)

Muitas pessoas, até mesmo no meio espírita, interpretam ao pé da letra essa passagem do evangelho de Mateus, sobre a porta estreita, por entenderem que o homem foi punido pelo cometimento do pecado original, em desobediência aos desígnios de Deus, fazendo por merecer esse justo castigo da perda do paraíso, e que, por conseguinte, só conseguirá a salvação a peso de muitos sofrimentos, impostos por muitas dificuldades, que exigirão da criatura, grandes esforços para suplantar verdadeiros suplícios e martírios com que Deus resolveu castigá-lo.

Ainda têm a velha e viciada visão do Deus cruel, vingador, irascível, que se vingava de quem não cumprisse suas determinações, condenando o desgraçado por sua desobediência a castigos dignos do mais violento e desumano carrasco terrestre, sem levar em conta certas circunstâncias como, por exemplo, quando alguém cometia algo contrário às suas Leis por pura ignorância, ou até mesmo por ter aprendido com alguém de maneira errada, e procedia conforme o que conhecia; pensamento esse, fruto do ensino religioso ultrapassado e sem coerência a que sempre esteve submetido.

Pobre infeliz, que além de ter que vencer as suas próprias dificuldades no enfrentamento das vicissitudes que lhe estão entrelaçadas, fazendo parte ativa do seu momento de crescimento, desde há muitos séculos, ainda tinha que fugir da fúria cruel e irracional do “Deus” que deveria ser seu pai amoroso e compreensivo dando-lhe exemplo de mansuetude, paz, harmonia, amor etc. etc., e não alguém tão ou mais violento e vingador quanto ele próprio.

Para desfazer esse terrível equívoco, a sabedoria divina nos enviou o Consolador Prometido por Jesus e, n’O Evangelho segundo o Espiritismo, desfrutamos da oportunidade sublime de aprender a interpretar essa mesma passagem de Mateus de uma outra maneira, com ótica diferente. Os Espíritos superiores nos esclarecem que precisamos saber antes de tudo que Deus é nosso Pai e que nos ama com o amor que nenhum ser humano é capaz de amar, consolidando na nossa doutrina as palavras proferidas pelo nosso Mestre Jesus, quando nos ensinou a orar ao “Pai nosso que está no céu”.

Se nós como pais, com a nossa acanhada visão espiritual, não aceitamos condenar um filho nosso que tenha caído em erro, pois lhe concedemos sempre nova oportunidade de se recuperar do erro, e até mesmo assumimos muitos desses erros, quitando o débito com o outro a quem nosso filho contraiu a dívida, para não assistirmos sua desventura, quanto mais esse Pai criador de tudo e de todos, detentor de todas as virtudes em grau absoluto.

Explicam-nos os mensageiros da boa nova, nessa incomparável obra, que é estreita a porta da salvação porque há grandes esforços sobre si mesmo, é obrigado o homem que a queira transpor, para vencer suas más tendências, coisa a que poucos se dispõem a fazer, e que é larga a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más que ainda trazemos arraigadas em nosso espírito milenar, e, por isso mesmo, o maior número de criaturas envereda pelo caminho do mal na hora que é chamado a escolher o caminho a trilhar usando o seu livre-arbítrio, e assumindo, portanto, as consequências das suas escolhas, representando para nós o complemento da máxima: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

E continua o ensinamento nos esclarecendo: “Tal o estado da Humanidade terrena, porque, sendo a Terra mundo de expiação, nela predomina o mal. Quando se achar transformada, a estrada do bem será a mais frequentada. Aquelas palavras devem, pois, serem entendidas em sentido relativo e não em sentido absoluto. Se houvesse de ser esse o estado normal da Humanidade, teria Deus condenado à perdição a imensa maioria das suas criaturas, suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo, justiça e bondade”.

Mas, de que delitos esta Humanidade se houvera feito culpada para merecer tão triste sorte, no presente e no futuro, se toda ela se achasse degredada na Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves postos diante de seus passos? Por que essa porta tão estreita que só a muito poucos é dado transpor, se a sorte da alma é determinada para sempre, logo após a morte? Assim é que, com a unicidade da existência, o homem está sempre em contradição consigo mesmo e com a justiça de Deus.

Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; faz-se luz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro tornam-se solidários com o passado, e só então se pode compreender toda a profundidade, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

Nem todos os que dizem: “Senhor! Senhor!” entrarão no reino dos céus.(1)

Na mesma obra acima, em seu Capítulo VI – O Cristo Consolador, (João XIV, vv.15 a 17 e 26), o Espírito de Verdade vem nos trazer os esclarecimentos que nos faltavam acerca do assunto, afirmando-nos: “Mas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade”.(2)

Em vista de tantos esclarecimentos, trazidos a lume pelo insigne codificador do Espiritismo, através do trabalho de implantação da verdade entre nós, realizado por Jesus e seus diletos colaboradores da esfera mais alta da espiritualidade superior, para que tenhamos conhecimento da verdade, pois só ela será capaz de nos libertar de nossa secular ignorância, dediquemo-nos a estudá-la com disposição, com sincera intenção de apreender seus luminosos ensinamentos com disciplina e boa vontade, e certamente compreenderemos, por fim, que Deus é manancial inesgotável de amor em benefício de todas as suas criaturas.

Fontes:

- 1) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. XVIII.)
- 2) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. IV.)

Elucidações de Emmanuel

Nº 200 – 23/03/2011

O Consolador

II. A porta estreita

Porta estreita

“Porfiai por entrar pela porta estreita, porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão.” Jesus.
(Lucas, 13:24.)

Antes da reencarnação necessária ao progresso, a alma estima na “porta estreita” a sua oportunidade gloriosa nos círculos carnis.

Reconhece a necessidade do sofrimento purificador.

Anseia pelo sacrifício que redime.

Exalta o obstáculo que ensina.

Compreende a dificuldade que enriquece a mente e não pede outra coisa que não seja a lição, nem espera senão a luz do entendimento que a elevará nos caminhos infinitos da vida.

Obtém o vaso frágil de carne, em que se mergulha para o serviço de retificação e aperfeiçoamento.

Reconquistando, porém, a oportunidade da existência terrestre, volta a procurar as “portas largas” por onde transitam as multidões.

Fugindo à dificuldade, empenha-se pelo menor esforço.

Temendo o sacrifício, exige a vantagem pessoal.

Longe de servir aos semelhantes, reclama os serviços dos outros para si.

E, no sono doentio do passado, atravessa os campos de evolução, sem algo realizar de útil, menosprezando os compromissos assumidos.

Em geral, quase todos os homens somente acordam quando a enfermidade lhes requisita o corpo às transformações da morte.

“Ah! se fosse possível voltar!” - pensam todos.

Com que aflição acariciam o desejo de tornar a viver no mundo, a fim de aprenderem a humildade, a paciência e a fé!

Com que transporte de júbilo se devotariam então à felicidade dos outros!

Mas – é tarde. Rogaram a “porta estreita” e receberam-na, entretanto, recuaram no instante do serviço justo. E porque se acomodaram muito bem nas “portas largas”, volvem a integrar as fileiras ansiosas daqueles que procuram entrar, de novo, e não conseguem.

Emmanuel, Vinha de Luz, (psicografia Chico Xavier), (cap. 20.)

3. Nem todos os que dizem: “Senhor! Senhor!” Entrarão no Reino dos Céus

6. Nem todos os que me dizem: “Senhor! Senhor!” — entrarão no Reino dos Céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

Muitos, nesse dia, me dirão: “Senhor! Senhor! não profetizamos em teu nome? Não expulsamos em teu nome o demônio? Não fizemos muitos milagres em teu nome?” — Eu então lhes direi em altas vozes: “Afastai-vos de mim, vós que fazeis obras de iniquidade.”

(Mateus, 7:21 a 23.)

7. Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente que construiu sobre a rocha a sua casa. Quando caiu a chuva, os rios transbordaram, sopraram os ventos sobre a casa; ela não ruiu, por estar edificada na rocha. Mas aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, se assemelha a um homem insensato que construiu sua casa na areia. Quando a chuva caiu, os rios transbordaram, os ventos sopraram e a vieram açoitar, ela foi derribada; grande foi a sua ruína.

(Mateus, 7:24 a 27; Lucas, 6:46 a 49.)

8. Aquele que violar um destes menores mandamentos e que ensinar os homens a violá-los, será considerado como último no Reino dos Céus; mas será grande no Reino dos Céus aquele que os cumprir e ensinar.

(Mateus, 5:19.)

9. Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: “Senhor! Senhor!”

— De que serve, porém, lhe chamarem Mestre ou Senhor, se não lhe seguem os preceitos? Serão cristãos os que o honram com exteriores atos de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? Serão seus discípulos os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não, porquanto, do mesmo modo que os fariseus, eles têm a prece nos lábios, e não no coração. Pela forma poderão impor-se aos homens; não, porém, a Deus. Em vão dirão eles a Jesus: “Senhor! não profetizamos, isto é, não ensinamos em teu nome; não expulsamos em teu nome os demônios; não comemos e bebemos contigo?”

Ele lhes responderá: “Não sei quem sois; afastai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis com os atos o que dizeis com os lábios, que caluniais o vosso próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério.

Afastai-vos de mim, vós, cujo coração destila ódio e fel, que derramais o sangue dos vossos irmãos em meu nome, que fazeis corram lágrimas, em vez de secá-las. Para vós, haverá prantos e ranger de dentes, porquanto o Reino de Deus é para os que são brandos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a Justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas palavras e das vossas, genuflexões. O caminho único que vos está aberto, para achardes graça perante Ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade.”

São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque se sentirão felizes nelas. As que, porém, forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia: o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão.

Crônicas e Artigos

Nº 46 – 09/03/2008

O Consolador – (Francisco Rebouças)

III. Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor!

Entrarão no Reino dos Céus

Só as obras definem o verdadeiro cristão!

“Assim também a fé, sem obras, é morta em si mesma.”

(Tiago, Cap.2, v.17.)

É muito comum ouvirmos de amigos que pertencem a outras correntes religiosas, de visão bem diferente da nossa, certas interpretações das mensagens do Evangelho de Jesus, que às vezes ficamos a nos perguntar intimamente: será que estamos interpretando os mesmos ensinamentos do nosso Mestre Jesus? Ou será que estamos falando de personalidades distintas?

Entre tantas interpretações diferentes, uma nos salta aos sentidos, justamente aquela em que os nossos amigos afirmam que, pela simples aceitação de Jesus no coração do indivíduo, ele estará livre dos seus pecados, apagando definitivamente todos os seus possíveis débitos para com a Justiça Divina, fazendo jus daí por diante de conquistar sua salvação tão sonhada, e, por essa mesma razão, também poderá considerar-se quite com as Leis e os desígnios do Pai Celestial, pois que assim procedendo, estará em consonância com todos os seus deveres de Cristão.

Aí é que começam as minhas íntimas inquirições. Inicialmente pergunto: ao aceitar o Mestre de Nazaré em seu coração, não estará mais comprometido com Jesus esse indivíduo que confessa aceitá-lo? Não estará ele decidindo e se comprometendo por seguir os seus ensinamentos? Se assim for, como não atentar para o fato de que Jesus resumiu as Leis e os Profetas em dois únicos mandamentos, “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”? Não estão contidos nesses dois mandamentos todos os deveres do homem para com o próximo, com a vida e com Deus? Como buscar a “salvação” esquecendo a desgraça causada ao semelhante?

Não foi Jesus quem recomendou: “Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceitil”?

(S.Mateus, Cap. V, 25-26) (1)

Não consta de seu Evangelho a resposta que deu aos fariseus sobre “o mandamento maior”?

O Evangelho segundo o Espiritismo, que tanto eles contestam e combatem, nos apresenta esta passagem de Jesus que não pode ser simplesmente esquecida ou desprezada como se não existisse, conforme segue:

Os fariseus, tendo sabido que ele tapara a boca dos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, para o tentar, propôs-lhe esta questão: – “Mestre, qual o mandamento maior da lei?” Jesus respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo” – “Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos”.

(S. MATEUS, Cap. XXII, 34-40)

Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam, pois é nisto que consistem a lei e os profetas. (Idem, Cap. VII, v. 12.)

Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem.

(S. LUCAS, Cap. VI, v. 31) (2)

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

A Doutrina Espírita nos esclarece ainda mais a esse respeito, quando nos afirma: “Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação”.

(O Evangelho segundo o Espiritismo – Cap. XV, itens 8 e 9) (3)

No Capítulo XVIII, item 16, do citado Evangelho, os Espíritos Superiores nos dão as instruções de que necessitamos para entender que não nos basta apenas falar esta ou aquela palavra “milagrosa”, e nem mesmo a simples demonstração de arrependimento, mesmo que sincera, pois o mal já foi feito e conseqüentemente terá seus desdobramentos, que só com a sua total reparação é que verdadeiramente estaremos nos harmonizando com as sábias e perfeitas Leis de Deus, contidas em nossa consciência culpada.

Prestemos, portanto, bastante atenção no referido item que a seguir transcrevemos:

“Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! Entrarão no reino dos céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus”.

Escutai essa palavra do Mestre, todos vós que repelis a Doutrina Espírita como obra do demônio. Abri os ouvidos, que é chegado o momento de ouvir.

Será bastante trazer a libré do Senhor, para ser-se fiel servidor seu? Bastará dizer:

“Sou cristão”, para que alguém seja um seguidor do Cristo? Procurai os verdadeiros cristãos e os reconheceréis pelas suas obras. “Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má pode dar frutos bons.” – “Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.”

São do Mestre essas palavras. Discípulos do Cristo, compreendei-as bem! Que frutos deve dar a árvore do Cristianismo, árvore possante, cujos ramos frondosos cobrem com sua sombra uma parte do mundo, mas que ainda não abrigam todos os que se hão de grupar em torno dela? Os da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé.

O Cristianismo, qual o fizeram há muitos séculos, continua a pregar essas virtudes divinas; esforça-se por espalhar seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é boa sempre, porém maus são os jardineiros. Entenderam de moldá-la pelas suas ideias; de talhá-la de acordo com as suas necessidades; cortaram-na, diminuíram-na, mutilaram-na; tomados estéreis, seus ramos não dão maus frutos, porque nenhum mais produz.

O viajor sedento, que se detém sob seus galhos à procura do fruto da esperança, capaz de lhe restabelecer a força e a coragem, somente vê uma ramaria árida, prenunciando tempestade.

Em vão pede ele o fruto de vida à árvore da vida; caem-lhe secas as folhas; tanto as remexeu a mão do homem, que as crestou.

Abri, pois, os ouvidos e os corações, meus bem-amados! Cultivai essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna.

Aquele que a plantou vos concita a tratá-la com amor, que ainda a vereis dar com abundância seus frutos divinos.

Conservai-a tal como o Cristo vo-la entregou: não a mutileis; ela quer estender a sua sombra imensa sobre o Universo: não lhe corteis os galhos.

Seus frutos benfazejos caem abundantes para alimentar o viajor faminto que deseja chegar ao termo da jornada; não amontoeis esses frutos, para os armazenar e deixar apodrecer, a fim de que a ninguém sirvam. “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.”

É que há açambarcadores do pão da vida, como os há do pão material. Não sejais do número deles; a árvore que dá bons frutos, tem que os dar para todos. Ide, pois, procurar os que estão famintos; levai-os para debaixo da fronde da árvore e partilhai com eles do abrigo que ela oferece. – “Não se colhem uvas nos espinheiros.” Meus irmãos, afastai-vos dos que vos chamam para vos apresentar as sarças do caminho, segui os que vos conduzem à sombra da árvore da vida.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão:

“Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus; entrarão somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Que o Senhor de bênçãos vos abençoe; que o Deus de luz vos ilumine; que a árvore da vida vos ofereça abundantemente seus frutos! Crede e orai.

(Simeon, Bordéus, 1863.) (4)

Por essas e outras razões, é que a cada dia mais me certifico da excelência da Doutrina Espírita, pois, em tudo que nos ensina, solicita-nos raciocinar para não nos deixar arrastar por teorias infundadas e ilógicas, que não levem em conta as lições ministradas por Jesus e contidas em seu Evangelho de Luz ao nosso inteiro dispor, e esclarece-nos por fim que: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”.

Bibliografia:

- 1) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. X, item 5.)
- 2) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XI, itens 1 e 2.)
- 3) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XV, itens 8 e 9.)
- 4) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVIII, item 16.)

Crônicas e Artigos

Nº 20 – 29/08/2007

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

III. Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor!

Entrarão no Reino dos Céus

Não basta dizer: Senhor!, Senhor!

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas sim o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse entrará no Reino dos Céus.”
(Mateus, VII – 21.)

Com muita frequência ouvimos no meio social a afirmativa de que “os tempos estão chegados”.

Sim, o tempo sempre esteve à nossa disposição. No entanto, o que se entende com tal conceito é que o momento atual é propício ao desenvolvimento de ações que nos possibilitem a prosperidade espiritual.

Em realidade os problemas que atormentam as criaturas no mundo já estão plenamente detectados, o que está faltando, em verdade, é que nos lancemos a trabalhar com afinco e perseverança na solução definitiva dos mesmos.

Não basta somente, aos homens, a identificação das causas dos desequilíbrios sociais, e permanecerem vagarosamente prostrados em discussões, apontamentos, denúncias, acusações e elaboração de projetos que nunca deixam as pranchetas para ganharem a prática.

Sim, “os tempos estão chegados”, mas para o trabalho, para as ações concretas e decididas, para que arregacemos as mangas e realmente saíamos a produzir.

Jesus dialogando com Pedro ensinou o valor e a necessidade do perdão.

E o que fazem as criaturas ante as intrigas, pugnas e atritos? Falar do perdão é importante, mas muito mais importante é perdoar, indistintamente.

O Mestre nos conclamou a amar ao próximo como a nós mesmos.

Que tipo de comportamento estamos exemplificando, junto àqueles que caminham conosco, no cotidiano? Conseguimos amar, mesmo aqueles que nos causam aborrecimentos?

A mensagem evangélica nos exorta a fazer aos outros aquilo que desejamos a nós mesmos.

Quando temos dúvidas sobre uma decisão, um comportamento ou atitude que devemos tomar em relação ao próximo, perguntemos a nós mesmos como reagiríamos se fosse o inverso?
Quase sempre perdoamos em nós o que condenamos nos outros.

O Evangelho do Cristo nos orienta a fazer a caridade sem ostentação, incentivando a simplicidade e a humildade junto aos necessitados.

Conseguimos ser fraternos e solidários diante das dores e aflições dos irmãos que seguem pela vida em condições de angústias e desesperos? Quando fazemos a caridade é de forma que mão esquerda não saiba o que faz a direita?

Os ensinamentos de Jesus, estando conosco há mais de dois mil anos, ganha notável divulgação, tanto que ninguém, neste mundo, poderá afirmar que nunca ouviu falar deles, mas “Os tempos estão chegados” para que os vivamos na prática.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

As convulsões sociais que ainda impedem a felicidade e a paz entre as criaturas são sinais inequívocos de que continuamos a afirmar:

Senhor, Senhor..., sem realmente fazermos a vontade do Pai Celestial que nos tem oferecido as mais valiosas e frequentes oportunidades de trabalho em favor do bem-estar geral.

“Os tempos estão chegados” para que desenvolvamos mecanismos de socorro a tantas famílias que experimentam extrema pobreza.

Para que amparemos a infância, a adolescência e a juventude que vivem no abandono e na indiferença.

Para que encontremos meios visando amenizar a angústia dos idosos que vivem sem lar.

Para que promovamos a paz e o equilíbrio em nossos lares.

Para que exemplifiquemos o respeito, a consideração e a tolerância no meio social em que mourejamos.

Além de observarmos atentamente os ensinamentos teóricos de Jesus, imprescindível se torna transformá-los em ações definitivas, num trabalho sem esmorecimento em favor da implantação do reino de Deus na Terra.

Não basta apenas dizer: **Senhor, Senhor.**

4. Muito se pedirá àquele que muito recebeu

10. “O servo que souber da vontade do seu amo e que, entretanto, não estiver pronto e não fizer o que dele queira o amo, será rudemente castigado. Mas aquele que não tenha sabido da sua vontade e fizer coisas dignas de castigo menos punido será. Muito se pedirá àquele a quem muito se houver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem mais coisas se haja confiado.”

(Lucas, 12:47 e 48.)

11. “Vim a este mundo para exercer um juízo, a fim de que os que não veem vejam e os que veem se tornem cegos.” — Alguns fariseus, que estavam com Ele, ouvindo essas palavras, lhe perguntaram: “Também nós, então, somos cegos?”

— Respondeu-lhes Jesus:

“Se fôsseis cegos, não teríeis pecados; mas, agora, dizeis que vedes e é por isso que em vós permanece o vosso pecado.”

(João, 9:39 a 41.)

12. Principalmente ao ensino dos Espíritos é que estas máximas se aplicam. Quem quer que conheça os preceitos do Cristo e não os pratique, é certamente culpado; contudo, além de o Evangelho, que os contém, achar-se espalhado somente no seio das seitas cristãs, mesmo dentro destas quantos há que não o leem, e, entre os que o leem, quantos os que o não compreendem! Resulta daí que as próprias palavras de Jesus são perdidas para a maioria dos homens.

O ensino dos Espíritos, reproduzindo essas máximas sob diferentes formas, desenvolvendo-as e comentando-as, para pô-las ao alcance de todos, tem isto de particular: não é circunscrito; todos, letrados ou iletrados, crentes ou incrédulos, cristãos ou não, o podem receber, pois que os Espíritos se comunicam por toda parte. Nenhum dos que o recebam, diretamente ou por intermédio de outrem, pode pretextar ignorância; não se pode desculpar nem com a falta de instrução, nem com a obscuridade do sentido alegórico. Aquele, portanto, que não aproveita essas máximas para melhorar-se, que as admira como coisas interessantes e curiosas, sem que lhe toquem o coração, que não se torna nem menos vão, nem menos orgulhoso, nem menos egoísta, nem menos apegado aos bens materiais, nem melhor para seu próximo, mais culpado é, porque mais meios, tem de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm boas comunicações ainda mais censuráveis são, se persistem no mal, porque muitas vezes escrevem sua própria condenação e porque, se não os cegasse o orgulho, reconheceriam que a eles é que se dirigem os Espíritos. Todavia, em vez de tomarem para si as lições que escrevem, ou que leem escritas por outros, têm por única preocupação aplicá-las aos demais, confirmando assim estas palavras de Jesus: “Vedes um argueiro no olho do vosso próximo e não vedes a trave que está no vosso.” (Cap. X, item 9.)

Por esta sentença: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecados”, quis Jesus significar que a culpabilidade está na razão das luzes que a criatura possua.

Ora, os fariseus, que tinham a pretensão de ser, e eram, com efeito, os mais esclarecidos da sua nação, mais culposos se mostravam aos olhos de Deus do que o povo ignorante. O mesmo se dá hoje.

Aos espíritas, pois, muito será pedido, porque muito hão recebido; mas também aos que houverem aproveitado, muito será dado.

O primeiro cuidado de todo espírita sincero deve ser o de procurar saber se, nos conselhos que os Espíritos dão, alguma coisa não há que lhe diga respeito.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

O Espiritismo vem multiplicar o número dos chamados. Pela fé que faculta, multiplicará também o número dos escolhidos.

Crônicas e Artigos

Nº 05 – 16/05/2007

O Consolador – (Rejane de Santa Helena)

IV. Muito se pedirá àquele que muito recebeu

Evolução e responsabilidade Espírita

Durante a evolução sobre a Terra, nós, seres humanos, vimos desenvolvendo aos poucos nossas capacidades intelectuais e espirituais. Passamos do ‘ser totalmente instintivo’, que lutava animallescamente por sua sobrevivência num mundo hostil, para um ‘ser mais sensível’, que busca criar melhores condições de sobrevivência para si mesmo e sua prole. Nesta evolução passamos pela idade do fogo, da pedra, do ferro, chegamos ao que chamamos de período civilizado. Enquanto ser gregário, agrupamo-nos socialmente para vivermos em comunidades, em cidades.

Grandes civilizações desenvolveram-se, atingiram o apogeu e decaíram. Crescemos intelectualmente e espiritualmente, uns mais rapidamente, outros tantos lentamente, cada um de nós em um ritmo próprio. Alguns povos especializaram-se no desenvolvimento do intelecto, outros nos valores espirituais. Em muitas destas fases, o primitivismo predominou através de guerras ou do domínio dos fortes sobre os mais fracos, tanto física como psicologicamente.

Há 2.000 mil anos, Jesus trouxe à Terra o amor pelas criaturas, ensinando a todos nós que somente através do amor o homem atingirá seu apogeu evolutivo. No entanto, recebemos estes ensinamentos divinos e mal percebemos a sua grandeza. Mesmo na época de Jesus, muitos de nós não conseguimos perceber estes ensinamentos, além da sua utilidade prática, momentânea, de cura de nossos males físicos ou emocionais.

Como diz Amélia Rodrigues através da mediunidade de Divaldo Franco, “Jesus aparece-lhes e abriu-lhes um elenco de novas possibilidades, oferecendo-lhes recursos incomuns, oportunidades antes jamais imaginadas e causando uma rápida mudança de conduta. A mensagem d’Ele, de renovação e de libertação interior, no entanto passava quase despercebida”

No entanto, a mudança ocorre. A semente do amor estava plantada. Assim, apesar de momentos históricos negros, a arte e a cultura ressurgem para nos mostrar a beleza do mundo e sensibilizar o nosso espírito primitivo para as coisas mais elevadas.

Deixamos de apenas lutar pela sobrevivência. Agora, ainda trabalhamos para viver, mas apreciamos algumas comodidades e muitos de nós já desenvolveram o espírito crítico: político, científico e artístico, alguns de nós o ético-moral religioso.

As guerras e revoluções continuaram e continuam, mas de tempos em tempos, Espíritos mais elevados renascem entre nós para iluminar todos os campos da nossa cultura. Nestas ocasiões o saber aprimora-se, e o conhecimento científico utilizado positivamente proporciona-nos cada dia mais comodidades.

No final do século 19, os Espíritos ofereceram-nos a sua doutrina através de Allan Kardec. No mundo ocidental vivíamos a revolução industrial. Desenvolvíamos cada vez mais o conhecimento científico e a nossa indústria sofreu forte impulso e desenvolveu-se. Estávamos também aptos a adquirirmos mais conhecimentos sobre a vida espiritual. E a verdade da vida espiritual surgiu através de manifestações em várias partes do mundo. Allan Kardec iniciou o trabalho de codificação da Doutrina dos Espíritos e esta também espalhou-se pelo mundo.

O século 20, século das grandes descobertas científicas, de Einstein, madame Curie e outros tantos nomes que contribuíram para o desenvolvimento da nossa ciência em todos os seus ramos, também nos traz uma outra revolução – a da comunicação. Já não vivemos isolados numa

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

região, mas somos coparticipantes no dia a dia da vida planetária. Acompanhamos os acontecimentos no planeta e coparticipamos, observando, criticando. E este virá a ser um dos fatores importantes no nosso processo evolutivo como ser humano. Participar para entender. Compreender para que possamos nos modificar interiormente e mudar também o mundo à nossa volta.

Facilidade de locomoção terrestre, marítima e aérea ajuda o redescobrimto de culturas milenares como a da Índia, Japão e da China. A medicina tradicional que faz transplantes do coração, microcirurgias via computador, também é desafiada pelas práticas milenares dessas culturas. A medicina alternativa propaga-se e começa a surgir a medicina vibracional. Nós queremos ser coparticipantes em todas as áreas de nosso desenvolvimento!

Estamos, portanto, em meio a uma revolução na nossa história de seres humanos. De um lado, o materialismo oriundo da revolução industrial e científica. De outro, a busca de conhecimento espiritual e do autodescobrimento, a busca da força interior. Já não lutamos contra as feras para sobreviver. Mas lutamos conosco mesmo, num esforço supremo para nos conhecermos e libertarmos-nos dos grilhões de ferro a que nos atamos ao longo dos séculos.

Hoje temos o conhecimento científico e espiritual à mão. Os Espíritos trouxeram a vida espírita à luz do nosso conhecimento. E não somente através do Espiritismo, pois em todas as religiões os fenômenos mediúnicos estão presentes. É o mundo espiritual ajudando o mundo terreno a progredir, ajudando a nos libertarmos através do conhecimento, ajudando-nos a galgar degraus evolutivos mais rapidamente.

Temos, portanto, tempo para pensar e capacidade para analisar. Temos à nossa disposição o conhecimento científico e o conhecimento mundano. E nós espíritas temos à disposição os ensinamentos morais e espirituais lançados por Jesus e novamente analisados à luz do Espiritismo.

Ganhamos muito nestes milênios de nossa evolução de homens e mulheres primitivos a seres civilizados. Ganhamos bem-estar social, vivemos mais. Temos à nossa disposição na prateleira do supermercado a alimentação para o corpo, entretemo-nos com o rádio, a televisão, o vídeo. Podemos nos comunicar com o mundo pelo telefone e até pelo computador. Temos ainda à nossa disposição alimento para alma, nos centros espíritas, nos livros espíritas, no evangelho.

E o que o fazemos? Repetimos automaticamente como se a palavra, o conhecimento trazido pelos Espíritos não fosse para nós mesmos, mas para outros. Propagandizamos nosso conhecimento, mas não o aplicamos a nós mesmos. Esquecemos que Jesus advertiu:

“Pedir-se-á muito àquele que muito recebeu, e prestará contas aquele a quem foram confiadas muitas coisas.

(Lucas 12:47-48)”.

Onde está a nossa responsabilidade de espíritas?

Adquirimos muito conhecimento. É-nos dado conhecer as diferentes facetas dos ensinamentos de Jesus, explicados pelos Espíritos através de Allan Kardec, Chico Xavier, Divaldo Franco, Raul Teixeira e tantos outros que nos apresentam as leis divinas, a moral cristã e a vida espiritual em seus livros psicografados ou não. Temos ainda a oportunidade de discutir e analisar estas verdades nas reuniões e palestras nos centros espíritas diariamente.

E o que fazemos com este conhecimento? Engavetamos no armário da sala, na cristaleira fechada a sete chaves, onde todos veem mas ninguém toca? Ou vivemos o que já conhecemos no nosso dia a dia, dando aos outros o que já adquirimos?

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Viver o Espiritismo é viver o Cristianismo, é colocar em prática o que aprendemos com Jesus! É se preocupar com os conselhos dos Espíritos em cada comunicação, em cada palestra a que assistimos ou que proferimos, para entender onde ele se aplica na nossa vida, e então praticá-lo. Praticá-lo na nossa casa, no nosso trabalho, na nossa comunidade, na cidade, no país em que vivemos.

O conhecimento que adquirimos é sempre primeiro para nós mesmos; depois de consolidado, pode vir a ser transmitido e exemplificado para outros. E por isto Jesus adverte-nos: “Por que vedes o arqueiro no olho do vosso irmão, vós que não vedes uma trave no vosso? (Mateus 7:3)”.

Muitas vezes recebemos o conhecimento, e o colocamos como exemplo para alguém que está ao nosso lado, esquecendo de analisar o nosso próprio comportamento à vista deste ensinamento. Que ilusão! É a ilusão dos fariseus, que se achando sábios esqueceram de praticar, para somente tagarelar! Seremos nós como os antigos fariseus? Estaremos somente repetindo as palavras sem a preocupação de colocá-las em prática na nossa vida? Seremos nós como aqueles homens que viveram com Jesus e não O conheceram?

Já não somos cegos. Recebemos muito conhecimento.

Temos portanto, o dever e a responsabilidade de espalhar esta luz, não através das palavras que proferimos, mas das ações que praticamos!

Comunicar é a palavra do momento!

No entanto, comunicar somente não basta – é preciso dar o exemplo!

Núcleo Espírita Assistencial “Paz e Amor”

(Alexandre Ferreira)

**IV. Muito se pedirá àquele
que muito recebeu**

Muito se pedirá àquele que muito recebeu

Não há dúvidas de que podemos nos considerar privilegiados por estarmos desfrutando desta maravilhosa Doutrina dos Espíritos.

Ao compreendermos o motivo de nossa existência terrena e o porquê de nossos sofrimentos e dificuldades, tudo fica mais fácil, tornando-nos fortes e confiantes para que prossigamos nossa jornada evolutiva rumo ao Pai Maior.

É preciso, porém, que não nos esqueçamos de que quanto mais recebemos esses ensinamentos das esferas espirituais, maiores se tornam as nossas responsabilidades, pois a Doutrina nos mostra, com clareza, o que devemos ou não fazer e quais devem ser nossas atitudes para com nossos semelhantes.

O espírita, portanto, não pode alegar ignorância e falta de conhecimento, nem tampouco procurar justificativas e desculpas a cada erro que comete.

Deve, ao contrário, lutar contra suas imperfeições, procurando melhorar-se quanto possível.

Para melhor ilustrarmos essa verdade, transcrevemos, a seguir, parte do conto de Humberto de Campos, do livro Cartas e Crônicas, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

"Conta-se que Allan Kardec, durante o repouso, viu-se fora do corpo, em singular desdobramento. Junto dele, identificou um enviado de Planos Sublimes que o transportou, de chofre, a nevoenta região, onde gemiam milhares de entidades em sofrimento estarrecedor.

Soluços de aflição casavam-se a gritos de cólera, blasfêmias seguiam-se a gargalhadas de loucura.

Atônito, Kardec lembrou os tiranos da História e inquiriu: - Jazem aqui os crucificadores de Jesus? I – Nenhum deles – informou o guia solícito – Conquanto responsáveis, desconheciam, na essência, o mal que praticavam.

O próprio Mestre auxiliou-os a se desembaraçarem do remorso, conseguindo-lhes abençoadas reencarnações, em que se resgataram perante a Lei.

– E os imperadores romanos? Decerto, padecerão nestes sítios aqueles mesmos suplícios que impuseram à Humanidade.

– Nada disso. Homens da categoria de Tibério ou Calígula não possuíam a mínima noção de espiritualidade.

Alguns deles, depois de estágios regenerativos na Terra, já se elevaram a esferas superiores, enquanto que outros se demoram, até hoje, internados no campo físico, à beira da remissão.

– Acaso, andarão presos nestes vales sombrios – tornou o visitante – os algozes dos cristãos, nos séculos primitivos do Evangelho?

– De nenhum modo – replicou o lúcido acompanhante – os carrascos dos seguidores de Jesus, nos dias apostólicos, eram homens e mulheres quase selvagens, apesar das tintas de civilização que ostentavam.

Todos foram encaminhados à reencarnação, para adquirirem instrução e entendimento.

O codificador do Espiritismo pensou nos conquistadores da Antiguidade, Átila, Alarico, Gengis Khan.

Antes, todavia, que enunciasse nova pergunta, o mensageiro acrescentou, respondendo-lhe à consulta mental:

– Não vagueiam, por aqui, os guerreiros que recordas.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Eles nada sabiam das realidades do espírito e, por isso, recolheram piedoso amparo, dirigidos para o renascimento carnal, entrando em lides expiatórias, conforme os débitos contraídos.

– Então, dize-me – rogou Kardec, emocionado – que sofredores são estes, cujos gemidos e imprecações me cortam a alma?

E o orientador esclareceu, imperturbável: - Temos junto de nós os que estavam no mundo plenamente educados quanto aos imperativos do Bem e da Verdade, e que fugiram deliberadamente da Verdade e do Bem, especialmente os cristãos infiéis de todas as épocas, perfeitos conhecedores da lição e do exemplo do Cristo e que se entregaram ao mal, por livre vontade."

“O servo que souber da vontade do seu amo e que, entretanto, não estiver pronto e não fizer o que dele queira o amo, será rudemente castigado.

– Mas, aquele que não tenha sabido da sua vontade e fizer coisas dignas de castigo, menos punido será. Muito se pedirá àquele a quem muito se houver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem mais coisas se haja confiado”

(S. Lucas, cap. XII, v 47 e 48).

5. Instruções dos Espíritos

1. Dar-se-á àquele que tem

13. Aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: “Por que lhes falas por parábolas?” — Respondendo, disse-lhes Ele: “É porque, a vós outros, vos foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, ao passo que a eles isso não foi dado.

Porque, àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundância; àquele, entretanto, que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará. Por isso é que lhes falo por parábolas: porque, vendo, nada veem e, ouvindo, nada entendem, nem compreendem.”

Neles [nos mistérios do Reino dos Céus] se cumpre a profecia de Isaías, quando diz: “Ouvireis com os vossos ouvidos e nada entendereis; olhareis com os vossos olhos e nada vereis.”

(Mateus, 13:10 a 14.)

14. Tende muito cuidado com o que ouvis, porquanto usarão para convosco da mesma medida de que vos houverdes servido para medir os outros, e ainda se vos acrescentará; pois, ao que já tem, dar-se-á, e, ao que não tem, até o que tem se lhe tirará.

(Marcos, 4:24 e 25.)

15. “Dá-se ao que já tem e tira-se ao que não tem.” Meditai esses grandes ensinamentos que se vos hão por vezes afigurado paradoxais. Aquele que recebeu é o que possui o sentido da palavra divina; recebeu unicamente porque tentou tornar-se digno dela e porque o Senhor, em seu amor misericordioso, anima os esforços que tendem para o bem. Aturados, perseverantes, esses esforços atraem as graças do Senhor; são um ímã que chama a si o que é progressivamente melhor, as graças copiosas que vos fazem fortes para galgar a montanha santa, em cujo cume está o repouso após o labor.

“Tira-se ao que não tem ou tem pouco.” Tomai isso como uma antítese figurada. Deus não retira das suas criaturas o bem que se haja dignado de fazer-lhes. Homens cegos e surdos, abri as vossas inteligências e os vossos corações; vede pelo vosso espírito; ouvi pela vossa alma e não interpreteis de modo tão grosseiramente injusto as palavras daquele que fez resplandecer aos vossos olhos a Justiça do Senhor. Não é Deus quem retira daquele que pouco recebera: é o próprio Espírito que, por pródigo e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando-o, o óbolo que lhe caiu no coração.

Aquele que não cultiva o campo que o trabalho de seu pai lhe granjeou, e que lhe coube em herança, o vê cobrir-se de ervas parasitas. É seu pai quem lhe tira as colheitas que ele não quis preparar? Se, à falta de cuidado, deixou fenecerem as sementes destinadas a produzir nesse campo, é a seu pai que lhe cabe acusar por nada produzirem elas? Não e não. Em vez de acusar aquele que tudo lhe preparara [Deus], de criticar as suas doações, queixe-se do verdadeiro autor de suas misérias [si mesmo] e, arrependido e operoso, meta, corajoso, mãos à obra; arroteie o solo ingrato com o esforço de sua vontade; lavre-o fundo com auxílio do arrependimento e da esperança; lance nele, confiante, a semente que haja separado, por boa, dentre as más; regue-o com o seu amor e a sua caridade, e Deus, o Deus de amor e de caridade, dará àquele que já recebera. Verá ele, então, coroados de êxito os seus esforços e um grão produzir cem e outro mil. Ânimo, trabalhadores!

Tomai dos vossos arados e das vossas charruas; lavrai os vossos corações; arrancai deles a cizânia; semeai a boa semente que o Senhor vos confia e o orvalho do amor lhe fará produzir frutos de caridade.

(Um Espírito amigo, Bordeaux, 1862.)

Crônicas e Artigos

Nº 221 – 07/08/2011

O Consolador – (Leonardo Marmo Moreira)

V. Instruções dos Espíritos

I. Dar-se-á àquele que tem

Àquele que tem, mais será dado: entendendo os fracassos reencarnatórios.

"Àquele que tem, mais será dado e àquele que não tem, até o que pensa ter, ser-lhe-á tirado."

Esse interessante aforismo evangélico é ainda motivo de indagações profundas em relação ao seu significado em termos de Lei de Causa e Efeito. Tal comentário de Jesus necessita ser associado a conquistas de valores espirituais e não de posses efêmeras, suscetíveis às alternâncias circunstanciais da vida material.

Quem tem grande potencial, ou seja, um elevado talento intelecto moral terá mais condições de desenvolver obras de maior envergadura para o avanço espiritual concomitante de si mesmo e da sociedade.

Realmente, a Questão 132 de "O Livro dos Espíritos" estabelece que as tarefas primordiais do esforço reencarnatório consistem na própria evolução espiritual do Espírito reencarnado e, ao mesmo tempo, na participação como colaborador da Obra da Criação. Logo, à medida que evoluímos individualmente colaboramos com a evolução de todos à nossa volta, uma vez que a nossa evolução dá-se através de contato social (Lei de Sociedade) e dos esforços inerentes a essa interação (Lei de Trabalho, Lei de Justiça, Amor e Caridade, entre outras). Esse raciocínio bem simples e acessível é respaldado, inclusive, por outras passagens evangélicas como a própria "Parábola dos Talentos".

Ocorre, porém, que vários indivíduos talentosos fracassam em suas tarefas reencarnatórias. André Luiz, em sua obra "Os Mensageiros", relata em vários capítulos as experiências frustradas de companheiros que desencarnaram com realização espiritual pífia. A intensidade do fracasso está relacionada à capacidade do fracassado, ao tempo de preparo, às oportunidades disponíveis e à relevância dos objetivos previamente traçados pelos próprios protagonistas dessas vivências em colaboração com mentores espirituais extremamente preparados e experientes. Ressalta-se que as tarefas destes casos supracitados estavam centradas em trabalhos de cunho espiritual, destacando-se o papel de médiuns e doutrinadores. Além disso, o autor espiritual, que havia sido médico na última encarnação, analisa o próprio fracasso como ser humano de uma forma geral em relação a outros médicos que fracassaram especificamente no desempenho da atividade médica. Também é digna de registro a obra "Tormentos da Obsessão" (Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Pereira Franco) que relata grande número de casos envolvendo espíritos fracassados em suas reencarnações, os quais foram socorridos no "Hospital Esperança" pelo Mentor Espiritual Eurípedes Barsanulfo e sua equipe.

Em muitos exemplos, as falências espirituais de criaturas talentosas acontecem, pois, apesar de indiscutíveis conquistas prévias em determinada área, o Espírito reencarnante traz falhas espirituais, sobretudo, morais, que acabam afetando o trabalho específico que ele deveria realizar, mesmo que esse indivíduo tenha realmente imenso cabedal em certo setor evolutivo. Assim, as diversas mazelas intelecto-morais em outras áreas do comportamento humano dificilmente permitem que o candidato à realização espiritual consiga manifestar plenamente seu talento, pois a indisciplina, a falta de força de vontade e a ausência de ideal superior, entre outras características pessoais, são tendências inferiores que limitam o desenvolvimento de maior amplitude de tarefas. Até mesmo, pequenos trabalhos podem ser comprometidos, pois traços de personalidade inferior como a intolerância e a impaciência suprimem frequentemente a manutenção de esforços de longo prazo, favorecendo o desperdício de oportunidades.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

É importante frisar que “Deus não dá fardos pesados a ombros frágeis”, significando dizer que, se o indivíduo fracassa, ele deve atribuir essa queda espiritual à sua própria negligência, uma vez que o livre-arbítrio é alicerce da Lei de Deus. No entanto, mesmo assim, estas experiências fracassadas, se bem estudadas e assimiladas, podem trazer aprendizados que serão as bases para realizações vitoriosas no futuro. Por isso, quando não pudermos realizar totalmente nossas tarefas, tentemos, ao menos, realizar parcialmente, pois o nosso futuro espiritual será construído a partir das nossas construções do presente.

“Todo esforço de hoje é uma facilidade a sorrir amanhã”, nos ensina Emmanuel na obra “Palavras de Vida Eterna”, implicando que todo tempo perdido hoje será sempre oportunidade de crescimento desperdiçada a ser lembrada no dia de amanhã, quando as circunstâncias da vida podem não mais favorecer a referida realização.

Quando o indivíduo detém vários talentos, os quais são conquistas espirituais pretéritas, essas potencialidades atuam sinergicamente, fomentando o desenvolvimento de obras de maior complexidade.

Em outras palavras, quanto mais pré-requisitos intelecto-morais, maior a probabilidade de sucesso espiritual na encarnação, uma vez que mais recursos o Espírito reencarnado terá para “driblar” os obstáculos e as armadilhas do caminho existencial. Mesmo quando fraqueja espiritualmente, é possível que consiga realizar significativa obra, pois suas habilidades favorecem o surgimento e o aproveitamento de bom número de oportunidades. Estes casos de Espíritos com grande capacidade que realizam parcialmente as suas tarefas são muito interessantes, pois podem gerar conflitos espirituais e complexos de culpa, mesmo quando tais companheiros são altamente reconhecidos pelo que realizaram, especialmente na análise dos encarnados.

Acontece que o autoexame sincero demonstra uma extensa perda de oportunidades e até mesmo aquisição de débitos, os quais passariam praticamente despercebidos se fossem associados a criaturas com menor cabedal espiritual. Todavia, como a Lei de Deus está escrita na consciência da própria criatura, os Espíritos em questão constataam que poderiam ter feito muito mais por si mesmos e pela humanidade, pois o nível de consciência dessas criaturas já é bem elevado.

Assim sendo, quando nos sentimos detentores de poucos talentos, devemos ter alta vigilância e disciplina, porque somente o foco, o esforço no trabalho e a humildade, frente às nossas fragilidades farão com que não “caiamos em tentações”, não nos deixando levar por interesses tortuosos que nos desviem de nossas tarefas principais, atrapalhando a manifestação de nosso talento espiritual, que representa os dons divinos em nós.

Interessantemente, a vigilância e a disciplina também são fundamentais quando alguns irmãos se sentem detentores de grandes possibilidades, pois as responsabilidades são evidentemente maiores (“Muito será cobrado a quem muito foi dado”). Os Espíritos que já trazem um expressivo leque de habilidades podem, eventualmente, deixarem-se levar por interesses, muitas vezes dignos, mas não tão prioritários em relação aos compromissos assumidos previamente.

Neste contexto, é muito sugestiva a famosa recomendação de Emmanuel em seu primeiro contato com Chico Xavier, asseverando a relevância da disciplina nas tarefas espirituais.

Sabendo-se que “reconhece-se a árvore pelos frutos”, devemos nos autoavaliar constantemente para identificarmos as consequências concretas de nossas ações efetivas na vida física. Se os efeitos dessas atitudes não têm representado valores do bem, da utilidade e da verdade, devemos repensar os caminhos que estamos trilhando, sob pena de nos vermos pelejando por questões com pouco valor espiritual em nossos esforços diários.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que empreende para domar suas más inclinações.” Portanto, o verdadeiro Espírita busca sua melhoria pessoal de forma sistemática, o que deve repercutir diretamente nos sentimentos, pensamentos e atitudes de cada adepto do

Espiritismo, e, conseqüentemente, no aproveitamento das oportunidades evolutivas e na construção da obra no bem.

Crônicas e Artigos

Nº 168 – 25/07/2010

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

V. Instruções dos Espíritos

I. Dar-se-á àquele que tem

Semeaduras a colheitas

A sementeira é livre, mas a colheita é compulsória

“Ao que tem, se lhe dará, e terá em abundância, mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.”

Essa frase de Jesus aparece em vários momentos no Novo Testamento, mas tem destaque nas Parábolas do Semeador, dos Talentos (Mateus) ou das Minas (Lucas) e do Joio; e nos ensinamentos “Buscai e achareis”, “Ajuda-te e o Céu te ajudará”.

Mas é, sobretudo, nas três parábolas que encontramos o chamado que o Mestre faz para o entendimento do livre-arbítrio e do seu uso. E dentre elas nosso destaque é a Parábola do Semeador.

Assim, vamos lembrar de uma passagem na qual o Sublime Benfeitor falava com o povo quando sua mãe e seus irmãos chegaram, procurando-O, e alguém Lhe disse:

“Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te”. E Ele respondeu a quem Lhe trouxe o aviso:

“Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” E estendendo a mão para os discípulos disse:

“Eis minha mãe e meus irmãos, porque qualquer um que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”. Jesus estabelece naquele momento o parentesco divino entre todos, e destaca a necessidade de escolhermos o bem, o amor e a verdade para estarmos em harmonia com Deus e com os ensinamentos que derrama sobre nós.

Naquele mesmo dia, saindo de casa, sentou-se à beira do mar e grande multidão reuniu-se perto dele. Por causa disso, entrou em um barco, acomodou-se e falou a eles muitas coisas por parábolas, e dizia:

“Eis que um homem saiu a semear.”

O Mestre descreve o que vai acontecendo com as sementes que, na verdade, são elementos figurativos que bem representam a forma como a Palavra Divina chega ao entendimento dos homens:

- a) Jogadas à beira do caminho, as aves as comem;
- b) Atiradas nas pedras, até brotam, mas, como não têm raízes firmes, morrem;
- c) Lançadas no meio dos espinhos, eles se encarregam de sufocar o crescimento, mesmo que germinem;
- d) Mas, jogadas em terra fértil, brotam fortes, desenvolvem-se, dão flores, frutos e cada fruto produz mais, 30,60 ou 100.

No livro Parábolas e Ensinos de Jesus, Cairbar Schutel refere-se à Parábola do Semeador, como a parábola das parábolas, porque sintetiza os caracteres predominantes em todas as almas e, ao mesmo tempo, ensina a distingui-las pela boa ou má vontade com que recebem as boas novas espirituais. Dessa forma, temos as almas que são “beiras de caminho”, ou seja, onde passam todas as ideias grandiosas, como pessoas nas estradas, sem gravarem nenhuma delas. São as pedras impenetráveis às novas ideias, são os espinhos que sufocam as verdades, como as plantas que não permitem o crescimento do que quer que seja ao seu redor. São homens e terras improdutivas.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Mas também temos, ao lado dessas almas, aquelas de boa vontade, que recebem a palavra de Deus e a colocam em prática. Terra fértil que acolhe a semente bendita da qual resulta boa produção.

No momento evolutivo que vivemos, temos todas essas características em nós mesmos. Qualidades que já podem produzir bons frutos, mas também dificuldades que não permitem a germinação da boa semente.

Como todo esse processo evolutivo é longo e demorado, exige de cada um de nós o exercício da paciência, da perseverança e da coragem para lutar contra as próprias dificuldades, em acertos e erros contínuos, até que aprendamos a escolher somente o bem.

Entendemos que a “semente” é a palavra de Deus, mas seu aproveitamento não é uniforme, em razão da variedade de seres que habitam o planeta. Dessa forma temos uns mais propensos ao bem, à caridade e à fraternidade, e outros mais inclinados ao mal, ao egoísmo e ao orgulho. Uns mais atentos às coisas do Céu e outros mais apegados aos bens da Terra, ao transitório e fugaz.

Portanto, segundo Jesus, a terra que recebe a semente representa o estado intelectual e moral de cada um: seja beira de caminho, pedregal, espinhal ou boa terra. Por exemplo, o amor que se transforma em outro sentimento ou perde seu encanto e poesia, ou simplesmente desaparece, é por negligência exclusiva do seu “cultivador” e não de Deus. Era pouco e, após a transformação, ficou sem nada. Se fosse verdadeiro, teria sido multiplicado.

Podemos acrescentar, ainda, que nem todos que pregam a Palavra o fazem tal qual ela é: Simples e despida de formas enganosas. Encontramo-la revestida de tantos mistérios, de dogmas, de retórica que, embora a Palavra permaneça, fica enclausurada na forma, sem que se possa ver o fundo, a essência.

Muitos a pregam por interesse, por vaidade e grande parte por egoísmo. Não dissipam as trevas, endurecem corações, ao invés, de abrandá-los, não anunciam a Palavra, mas fazem dela um instrumento para receberem ouro ou glória. Como têm pouco a dar, acabam por esvaziar a oportunidade que lhes foi dada, pelo Pai, de espalhar o entendimento, a fraternidade, a solidariedade, enfim, o Amor ao próximo.

A Palavra não pode ser rebaixada. Ela deve estar acima de nós mesmos – nos dizeres de Cairbar Schutel - “porque aquele que despreza a Palavra, anunciando-a ou ouvindo-a, despreza seu Instituidor e, como disse Ele: ‘Quem me despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue; a Palavra que falei, está o julgará no último dia’”.

(João, 12: 48.)

Voltemos a Jesus: Assim que encerrou a narrativa sobre o Semeador, os discípulos perguntaram ao Mestre por que falava através de parábolas. E Ele respondeu:

“Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas àqueles não lhes é concedido. Pois ao que se tem se lhe dará, e terá em abundância, mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso vos falo por parábolas; porque vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem; porque o coração deste povo está endurecido”.

Esta afirmação de Jesus parece paradoxal. Como dar mais a quem já tem e tirar daquele que pouco tem? O Mestre era incoerente? Vamos pensar em um exemplo, com valores materiais, que pode ilustrar nosso tema: Um homem adquire boa posição financeira. Se é imprevidente e malbarata os bens conquistados, perderá o que já obtivera, confirmando a assertiva de Jesus. Mas, se esse homem toma providências, sensatamente, para estabilizar a boa posição, conservando-a para o bem de todos, consolidará seu bem-estar. Com os tesouros do Espírito o

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

problema é o mesmo, mas é preciso que fique claro que o ensino de Jesus é figurado, pois Deus jamais tirará o bem que lhe foi concedido. É preciso ver o ensinamento pelo espírito. Não é Deus quem retira daquele que pouco havia recebido, mas é o próprio Espírito que, pródigo e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando a migalha que caiu no seu coração.

O Evangelho segundo o Espiritismo dá outro excelente exemplo: O filho que não cultiva o campo que o trabalho do pai conquistou, para deixar-lhe de herança, vê esse campo cobrir-se de ervas daninhas. As perguntas que os Espíritos superiores fazem e que necessitamos responder a nós mesmos são:

1. Foi seu pai que lhe tirou as colheitas que ele não preparou?
2. Se ele deixou a sementeira morrer nesse campo por falta de cuidado, deve acusar o pai pela falta de produção? Evidente que não! Deve acusar, sim, a si próprio, que é o verdadeiro responsável pela própria miséria.

Por outro lado, terá, também, a chance de arrepender-se e retomar o trabalho e plantar a boa semente escolhida entre as más. Cuidar, zelar, arrancando as ervas daninhas que podem sufocar a nova sementeira. Isso dá trabalho? Dá e muito! Vale a pena? Vale, porque a colheita será imensa. Estamos plantando para nós mesmos, hoje, com vistas a um futuro de muita felicidade.

Mas o ensinamento do Mestre ainda aparece na Parábola dos Talentos, que tem a mesma significação da Parábola das Minas, e é importante lembrar-se disso por causa da conclusão que Jesus dá à narrativa dessa parábola: “Tirai, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez. Porque a todo que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes”.

Bibliografia:

Mateus, (13: 10-14.)

Mateus, (25: 14-30.)

Marcos, (4: 23-24.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. 18), (itens 13 a 15.)

Schutel Cairbar, Parábolas e Ensinos de Jesus, (Parábola do Semeador.)

Rohden Huberto, Sabedoria das Parábolas, (pág.87.)

Peralva Martins, O Pensamento de Emmanuel, (cap. 8.)

5. Instruções dos Espíritos

2. Pela sua obra é que se reconhece o cristão

16. “Nem todos os que me dizem: ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no Reino dos Céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Escutai essa palavra do Mestre, todos vós que repelis a Doutrina Espírita como obra do demônio. Abri os ouvidos, que é chegado o momento de ouvir.

Será bastante trazer a libré do Senhor, para ser-se fiel servidor seu?

Bastará dizer: “Sou cristão”, para que alguém seja um seguidor do Cristo?

Procurai os verdadeiros cristãos e os reconhecereis pelas suas obras. “Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má pode dar frutos bons.” “Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.”

São do Mestre essas palavras. Discípulos do Cristo, compreendei-as bem! Que frutos deve dar a árvore do Cristianismo, árvore possante, cujos ramos frondosos cobrem com sua sombra uma parte do mundo, mas que ainda não abrigam todos os que se hão de grupar em torno dela? Os da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O Cristianismo, qual o fizeram há muitos séculos, continua a pregar essas virtudes divinas; esforça-se por espalhar seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é boa sempre, porém maus são os jardineiros. Entenderam de moldá-la pelas suas ideias; de talhá-la de acordo com as suas necessidades; cortaram-na, diminuíram-na, mutilaram-na; tornados estéreis, seus ramos não dão maus frutos, porque nenhuns mais produzem. O viajor sedento, que se detém sob seus galhos à procura do fruto da esperança, capaz de lhe restabelecer a força e a coragem, somente vê uma ramaria árida, prenunciando tempestade. Em vão pede ele o fruto de vida à árvore da vida; caem-lhe secas as folhas; tanto as remexeu a mão do homem, que as crestou.

Abri, pois, os ouvidos e os corações, meus bem-amados! Cultivai essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou vos concita a tratá-la com amor, que ainda a vereis dar com abundância seus frutos divinos. Conservai-a tal como o Cristo vo-la entregou: não a mutileis; ela quer estender a sua sombra imensa sobre o Universo: não lhe corteis os galhos.

Seus frutos benfazejos caem abundantes para alimentar o viajor faminto que deseja chegar ao termo da jornada; não amontoeis esses frutos, para os armazenar e deixar apodrecer, a fim de que a ninguém sirvam. “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.” É que há açambarcadores do pão da vida, como os há do pão material. Não sejais do número deles; a árvore que dá bons frutos, tem que os dar para todos. Ide, pois, procurar os que estão famintos; levai-os para debaixo da fronde da árvore e partilhai com eles do abrigo que ela oferece. “Não se colhem uvas nos espinheiros.” Meus irmãos, afastai-vos dos que vos chamam para vos apresentar as sarças do caminho, segui os que vos conduzem à sombra da árvore da vida.

O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão:

“Nem todos os que dizem: ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no Reino dos Céus; entrarão somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Que o Senhor de bênçãos vos abençoe; que o Deus de luz vos ilumine; que a árvore da vida vos ofereça abundantemente seus frutos! Crede e orai.

(Simeon, Bordeaux, 1863.)

Editoria

Nº 133 – 15/11/2009

O Consolador – (Cláudia Schmidt)

V. Instruções dos Espíritos

II. Pelas suas obras é que se reconhece o cristão

Salvação segundo a Doutrina Espírita.

Estudando a Doutrina Espírita, compreendemos que **Jesus não morreu por ninguém ou para salvar alguém do Inferno.**

Sua morte não significa a nossa salvação, e nem o perdão “adiantado” dos erros que cometemos.

Jesus, o Espírito mais evoluído que já esteve na Terra, **encarnou e viveu neste Mundo por amor a nós**, para exemplificar o amor, o perdão, a caridade, a fé, sendo “o modelo e guia, o tipo de perfeição moral a que se pode aspirar na Terra”, definição essa contida na questão 625 de O Livro dos Espíritos.

“Pelas obras é que se reconhece o cristão”, pois se apenas a fé salvasse o indivíduo, de que valeria a caridade, a reforma íntima, o trabalho no bem?

Qualquer um que se arrependesse de seus erros antes de morrer seria salvo e iria para o Céu, mesmo se tivesse sido um ladrão ou assassino?

E onde estaria, nesse caso, a justiça de Deus, que oferece tempo para alguns se arrependerem, enquanto que a outros arrebatava do corpo físico sem a oportunidade de repensarem suas atitudes?

Quando tomamos consciência do cometimento de uma falta, o arrependimento é importante, porém, ele não necessita de um rótulo religioso, mas sim ser complementado pela expiação e pela reparação do erro cometido.

Expiação são os sofrimentos físicos e morais consequentes do erro; e a reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal, apagando assim os traços da falta e suas consequências.

A Doutrina Espírita elucida que a salvação de cada um – entendida como evolução espiritual, que é destino de todos os Espíritos criados por Deus – depende exclusivamente de si mesmo, e ocorre a partir da transformação moral, pois **“fora da caridade não há salvação”**.

Assim, somente através da reforma íntima é possível salvar-se do comodismo, da indiferença, da omissão, da descrença, transformando a fé e a confiança em Deus em obras de amor e paz.

Sendo o Céu um estado íntimo, construído pela consciência tranquila, e não um lugar de ociosidade e contemplação, o Céu de cada um só pode ser construído por ele mesmo, através de pensamentos, palavras e atitudes que revelem seu estado íntimo de constante aprimoramento espiritual, esforçando-se por tornar-se cada vez mais solidário, mais caridoso, mais parecido com Jesus.

Editoria

Nº 84 – 30/11/2008

O Consolador – (Francisco Rebouças)

V. Instruções dos Espíritos

II. Pelas suas obras é que se reconhece o cristão

Para se obter auxílio

É através do estudo sério da Doutrina Espírita que ficamos conhecendo a verdadeira razão para entender por que motivo ninguém deve se habilitar a receber auxílio sem a mesma diligência em prestá-lo a quem dele se faça necessitado.

Encontramos nas importantes e variadas obras da codificação, e ainda em inúmeras outras de elevado cunho moral doutrinário à nossa inteira disposição, informações preciosas de como tudo acontece à nossa volta, isto é, como tudo se fundamenta nas palavras do Mestre de Nazaré quando nos afirmou “a cada um segundo as suas obras”.

Ficamos sabendo, por exemplo, que precisamos proceder nossa imediata e constante renovação moral, nas esferas física, mental e espiritual, alicerçada nos padrões do bem, através do auxílio ao nosso próximo pela desinteressada prática da caridade em favor do necessitado, seja ele quem for, compreendendo que com esse comportamento estaremos nos beneficiando também, pela conquista da simpatia dos abnegados trabalhadores da paz a serviço de Jesus, que por sua vez nos estenderão mãos amigas, nas horas em que formos os verdadeiros necessitados, e, sem essa ajuda, nossos caminhos evolutivos nos surgiriam muito mais complicados e difíceis de ser transitados.

Precisamos entender em definitivo que todo o mal por nós praticado conscientemente provoca, inevitavelmente, de algum modo, lesão em nossa consciência, e se fará sentir em forma de distúrbio, em nosso organismo fisiológico, mais cedo ou mais tarde.

Em qualquer parte do universo em que nos situarmos, estaremos submetidos à mesma Lei de amor e justiça, e como Espíritos em processo evolutivo em busca da perfeição relativa a que estamos destinados, precisamos nos associar aos promotores do bem e da paz no universo infinito, unindo nossos poucos recursos aos inúmeros colocados ao nosso inteiro dispor pela Soberana sabedoria do Universo.

O estudo dos postulados espíritas muito nos ajudarão a clarear a razão e nos assistirão no esforço individual, esclarecendo-nos de que forma melhor poderemos contribuir para o perfeito equilíbrio dos princípios superiores elaborados por Deus para o modo de viver de cada individualidade, fazendo-nos entender que a justiça, sendo instituição divina, começa exatamente em nós mesmos, e que a evolução para a perfeição é uma viagem longa e difícil, onde o bem nos faculta passagens menos complicadas, e o mal nos interdita certos trechos da mesma estrada, o que nos obriga a paradas obrigatórias ou a contornos longos e acidentados.

Dessa forma, como espíritas que nos dizemos ser, busquemos nos ensinamentos dos Espíritos Superiores, contidos na codificação de nossa Doutrina, os necessários recursos para que melhor possamos nos apresentar ao Divino Amigo de todos nós, Jesus de Nazaré, para por nossa vez contribuir de forma positiva na tarefa que ELE confiou a cada um de nós na construção de uma sociedade mais humana, decente e cristã, conforme segue:

Os bons espíritas

“Bem compreendido, mas, sobretudo bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um o mesmo é que outro.

O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.

CAPÍTULO XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações não lhes apreendem as consequências, nem o alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos.

A que atribuir isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, pois que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações.

A clareza é da sua essência mesma e é donde lhe vem toda a força, porque a faz ir direito à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de qualquer segredo, oculto ao vulgo.

Será então necessário, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhes apreendem, com admirável precisão, os mais delicados matizes. Provém isso de que a parte por assim dizer material da ciência somente requer olhos que observem, enquanto a parte essencial exige certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar maturidade do senso moral, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é peculiar ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encamado.

Nalguns, ainda muito tenazes são os laços da matéria para permitirem que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; a névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, donde resulta não romperem facilmente com os seus pendores nem com seus hábitos, não percebendo haja qualquer coisa melhor do que aquilo de que são dotados.

Têm a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica as tendências instintivas.

Numa palavra: não divisam mais do que um raio de luz, insuficiente a guiá-los e a lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de lhes sobrepujar as inclinações.

Atêm-se mais aos fenômenos do que a moral, que se lhes afigura cediça e monótona.

Pedem aos Espíritos que incessantemente os iniciem em novos mistérios, sem procurar saber se já se tornaram dignos de penetrar os arcanos do Criador.

Esses são os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem, ou então guardam as suas simpatias para os que lhes compartilham das fraquezas ou das prevenções.

Contudo, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará mais fácil o segundo, noutra existência.

Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral.

O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes.

Em suma: é tocado no coração, pelo que inabalável se lhe torna a fé.

Um é qual músico que alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.

Enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, outro, que apreende alguma coisa de melhor, se esforça por desligar-se dele e sempre o consegue, se tem firme a vontade". (1)

Muita paz.

Referências:

(1) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVII, Sede Perfeitos, item 4.)